

AS OPERAÇÕES NA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Cel Inf (QUEMA) CARLOS DE MEIRA MATTOS

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nossa primeira preocupação, ao preparar este trabalho, foi a de situar o título "Operações", no quadro da guerra revolucionária.

Realmente, a Guerra Revolucionária desenrola-se num cenário complexo e muitas vezes controvertido, em que se misturam e se confundem a propaganda, as ações psicológicas, o terrorismo, a sabotagem e a guerrilha. Perguntamos então, nesse quadro, o que deve ser considerado Operações? Sendo o objetivo da Guerra Revolucionária, segundo o seu maior teórico, Mao Tze Tung, "subjugar a vontade de resistir do inimigo", poderíamos, num conceito amplo, considerar como Operações a todas as ações executadas no sentido de atingir esse objetivo, de caráter bélico ou não.

Estariamos, entretanto, abrindo uma área muito extensa, pouco característica e que escaparia, pensamos, aos objetivos a que nos propomos. Assim sendo, preferimos relacionar o conceito de Operações com a fase de militarização da Guerra Revolucionária, que começa quando surgem as guerrilhas; estas representam a principal arma e dão a marca de militarização da Guerra Revolucionária.

O processo revolucionário desenvolve-se em 5 fases, segundo os melhores autores franceses e o conceito já aceito pelo nosso EME.

Em síntese:

- as 1ª e 2ª fases são de gestação, nelas predominando a propaganda, a guerra psicológica, os processos "brancos" de pressão e de intimidação.
- a 3ª fase caracteriza-se pela eclosão da violência por meio de sabotagens, terrorismo e da guerrilha; aí começa a criação das *bases de operação* dos grupos de guerrilheiros;
- as 4ª e 5ª fases caracterizam-se pela expansão do controle político revolucionário sobre áreas cada vez mais amplas, "zonas liberadas" e pelo conseqüente fortalecimento gradativo das guerrilhas que passam a tender para uma organização semelhante à dos exércitos regulares (transformação dos grupos de guerrilheiros em exército popular).

Baseados nesta compreensão do problema, abrangeremos no nosso estudo as Operações que têm início na 3ª fase da Guerra Revolucionária e crescem de importância e de vulto até o final da 5ª fase, quando o comando revolucionário já estendeu o seu domínio sobre ampla região geográfica e as suas unidades esparsas de guerrilheiros já se fundiram, dando origem a um Exército Popular, normalmente armado e equipado com o material bélico capturado das forças adversárias. A este respeito lembramos que na 5ª fase da Guerra da Indochina, o Exército Popular da República do Vietnã, antes da queda de Dien Bien Phou, já estava organizado em divisões ligeiras, dispondo de infantaria, unidades de reconhecimento, artilharia, engenharia e aviação.

Procuraremos focalizar, em seguida, os princípios estratégicos e táticos que regem as operações de caráter militar, particularmente no quadro de emprêgo das guerrilhas.

2. PRINCÍPIOS ESTRATÉGICOS GERAIS

A Guerra Revolucionária tem sido amplamente empregada a serviço dos interesses soviéticos e chineses. A Conferência Tricontinental de Havana a preconizou como processo de subversão da América Latina.

Ninguém de bom senso ignora hoje em dia, que a União Soviética e a China Comunista desenvolvem uma política de grande potência. Disputam com as potências ocidentais o controle de áreas estratégicas. A dinâmica da política russa é o domínio mundial.

Para alcançar esse objetivo usa como principal arma de infiltração a ideologia comunista. O Estado Soviético não é comunista, está muito longe da sociedade ideal sonhada por Karl Marx, transformou-se numa fria ditadura de altos burocratas que usa a força atrativa da ideologia vermelha para trazer para a sua órbita de poder os povos insatisfeitos da Terra.

Mao Tze Tung, que se apresenta hoje como o maior teórico da guerra revolucionária, apoiado na enorme experiência que lhe forneceu a Revolução Chinesa, diz textualmente no seu livro "Estratégia da Guerra Revolucionária na China": "Somos contra as campanhas longas e a estratégia de decisão rápida, porque preferimos uma estratégia de guerra longa e campanhas de decisão rápida".

Esses pensamentos do líder chinês não encerram nenhum contrassenso, como uma apreciação superficial poderia indicar, muito ao contrário, casam-se perfeitamente ao caráter propagandístico-ideológico dessa forma de guerra. A conquista da opinião pública, a conquista das mentes, na área ou país envolvido, é sempre um processo lento. Por outro lado, a ação militar revolucionária trava-se, normal-

mente, contra forças regulares material e tènicamente mais poderosas e, nessas condições, sòmente os golpes rápidos e de surpresa poderão propiciar vantagens aos guerrilheiros.

Concluimos, assim, que à guerra revolucionária interessa uma estratégia a longo prazo, a espera dos efeitos psicológicos intentados, entremeada de ações táticas fulminantes e violentas.

O conteúdo da estratégia revolucionária é sempre muito mais político do que militar. Seu objetivo supremo é a conquista do poder político, nisso ela não difere da estratégia de guerra clássica, entretanto nunca procura chegar a êsse objetivo através de grandes e decisivas batalhas militares. Seu campo de batalha principal são as vontades, as mentes. Atua sòbre as vontades, primeiramente visando a tirar-lhes a capacidade de lutar em defesa de suas convicções, neutralizando essas convicções, pelas pressões, ameaças, terror; em seguida, substituindo-as por uma nova ideologia. Age, assim, sòbre as mentes em dois estágios — um destrutivo (intoxicação psicológica, lavagem de cérebro) e outro construtivo — (formação do militante da nova ideologia).

A estratégia e a tática revolucionárias se interpenetram e se confundem sob vários aspectos, tornando difícil uma separação.

Faremos, no entanto, uma tentativa de apresentar os *princípios estratégicos gerais básicos* da guerra revolucionária. Alinhamos os seguintes:

- Sua finalidade é o domínio do poder político.
- Seu objetivo principal é a conquista das massas.
- Sua arma mais eficaz é a ideologia comunista.
- A unidade de comando estratégico é uma das suas principais características. Trata-se de uma estratégia global sob comando único (conceito leninista sòbre a revolução marxista mundial). Diz Mao Tze Tung: o comando deve ser centralizado no campo estratégico, mas descentralizado no plano tático.
- As massas das regiões subdesenvolvidas oferecem objetivos psicológicos mais vulneráveis à pregação revolucionária.
- Cada área visada (teatro) exigirá uma complementação da estratégia global tendo em vista a exploração das contradições locais.

Em que pèse a interação dos fatores políticos e militares no âmbito das operações de guerra revolucionária, procuramos destacar alguns princípios estratégicos nitidamente militares, entre os apresentados por Mao Tze Tung na obra já citada.

3. PRINCÍPIOS ESTRATÉGICOS MILITARES

“Se bem que sejamos atraídos pelo gôsto das operações ofensivas e que mais nos convém, no quadro militar, é a defensiva estratégica alimentada por freqüentes e violentos golpes de uma tática agressiva”. Podemos resumir êsse conceito, em nossa linguagem doutrinária, “como uma acentuada preferência pela permanente ofensiva tática no quadro de uma defensiva estratégica”; essa defensiva estratégica na área conflagrada e, de resto, a atitude que mais se ajusta aos objetivos da estratégia política a que nos referimos, “de deixar amadurecer o fruto (a opinião pública) para depois colhê-lo sem esforço maior”.

— “Preferimos a guerra de manobra e de aniquilamento, servida por uma tática de decisão rápida”.

Equivale a dizer da opção revolucionária, no quadro estratégico militar, pelo incentivo de uma variada combinação da guerrilha e do terrorismo. A primeira aparece de surpresa, destrói ao máximo e desaparece, enquanto o segundo seqüestra, assassina na calada da noite, destrói pontes, obras de arte, pontos críticos de comunicações e energia, incendeia colheitas, plantações e depósitos.

— “Preferimos as guerrilhas às organizações pesadas e lerdas”.

— “Somos contrários aos fronts definidos e à guerra de posição, porque preferimos os fronts flutuantes e a guerra de movimentos (manobras)”.

— “Somos contra a retirada do inimigo, porque somos partidários da guerra de aniquilamento”.

— “Somos contra as colunas errantes, porque consideramos as forças revolucionárias como um organismo de propaganda popular e um fator de organização de um poder popular local”.

— “A guerrilha não pode existir e se ampliar durante um longo período se não dispuser de bases de apoio, bases de operação”. O escritor chinês estuda três tipos geográficos de “bases”; na montanha, na planície e nas florestas e opta pela base nas montanhas, em região de difícil acesso. A segurança da “base de operações” deve constituir preocupação permanente do comando de guerrilhas.

— “Somos contra as instalações logísticas importantes porque preferimos as retaguardas leves”.

— “A manobra em retirada, atraindo as forças inimigas ao interior da zona liberada, onde contamos com o apoio da população civil, favorece a sua rápida destruição”.

Passemos, agora, à aplicação, ao campo da tática.

4. TÁTICA DE GUERRILHAS

Apresentaremos, em seguida, alguns postulados principais da tática revolucionária. Combatendo sempre contra forças regulares muito mais poderosas, as guerrilhas não podem jamais enfrentá-las em campo aberto e em operações clássicas.

Os guerrilheiros têm que saber usar uma tática de astúcia e de fintas. Evitam engajar-se em combate. Golpeiam de surpresa, com violência, e desaparecem.

As características principais da tática de guerrilha são: surpresa, dispersão, infiltração, máximo de violência e rapidez nos ataques e preparação minuciosa das operações.

Um dos aspectos característicos do combate das guerrilhas é a fluidez, a capacidade de atacar sem se aferrar, e sumir. A conquista tática do terreno não interessa, o que interessa é manter a inquietação permanente na área, até a conquista da população (pela fadiga, pela intimidação, pelo terror). Conquistada a população para a causa revolucionária, estará dominada a região ou país.

Mao Tse-Tung, na sua obra já citada, oferece-nos inúmeros conceitos sobre a tática revolucionária.

Vejamos os principais:

- “Se o inimigo avança, nós nos retiramos;
- Se o inimigo se entrincheira, nós o inquietamos;
- Se o inimigo está esgotado, nós o atacamos;
- Se o inimigo se retira, nós o perseguimos”.

Buscando ensinamento em outra fonte de experiência, podemos reproduzir aqui alguns tópicos das instruções baixadas pelo Comando Militar das Forças Revolucionárias do Vietnã do Norte para as suas guerrilhas:

“Combater sempre com inteligência (tática de ardis, escaramuças e emboscadas).

Procurar infatigavelmente conservar a liberdade de movimentos. Estimular no guerrilheiro a vontade de atacar, (atacar sempre, no avanço, na retirada, nas linhas de combate ou nas retaguardas). Manter o espírito de resolução (não tardar, não hesitar, não vacilar).

Saber guardar o segredo.

Agir sempre com rapidez (fazer da rapidez o elemento essencial da surpresa)

Fazer a guerra de extermínio total (impor o terror nas fileiras inimigas e na população não colaboracionista)".

Recorrendo-se ao manancial da experiência francesa encontraremos, também, proveitosas lições. Os franceses, como se sabe, suportaram neste pós-guerra as seguintes operações revolucionárias ou insurrecionais: na Indochina durante 10 anos; na Tunísia e no Marrocos; e na Argélia durante 7 anos e meio. Podemos dizer que a experiência gaulesa foi intensamente aplicada no sentido de criar uma doutrina antiinsurrecional, daí extraindo os processos de combate contra os guerrilheiros.

Devemos à "verve" de um General francês esta extraordinária conceituação da guerra insurrecional: "é uma guerra abstrata contra um inimigo invisível". Realmente esse inimigo invisível obrigou a França a manter na Argélia um efetivo de 500.000 homens de forças regulares, com pesados ônus financeiros e estratégicos, não só para a França, mas também para a OTAN, onde os efetivos franceses no sistema defensivo europeu ficaram reduzidos em face de seus problemas na África do Norte.

Analisando-se a tática da guerra insurrecional nos seus aspectos tão variados e desconcertantes chegamos nós às seguintes conclusões:

- é uma tática de fintas;
- todo seu êxito reside na surpresa;
- não se ajusta a um quadro operacional classicamente ofensivo ou defensivo, mas ataca e defende alternativamente por meio de ações rápidas e momentaneamente decisivas; no interior da área contaminada (daí a outra denominação em voga, de guerra de superfície).
- o êxito tático é obtido através da frequência das ações violentas (de vaivéns), conduzidas pelas guerrilhas, que deve corresponder sempre a um maior estímulo à desobediência e às adesões da população civil da área;
- seu objetivo é conquistado quando a adesão em massa da população civil da área conflagrada torna impossível o exercício da autoridade legal na mesma.

Nos seus últimos estágios, a guerra revolucionária possibilita a criação de um governo revolucionário local (e isto aconteceu na China e Indochina), e êste procura obter seu reconhecimento legal de parte de governos exteriores. Nessa fase as guerrilhas tendem a se transformar em exércitos populares. Estes, à medida que se firma o governo revolucionário, começam a se aproximar das formações regulares, organizando-se em Btl, Regimentos, Brigadas, Divisões, etc.

5. PROCESSOS DE COMBATE DAS GUERRILHAS

Em síntese, nos processos de combate mais utilizados pelas guerrilhas, cumpre destacar as seguintes regras:

- preferir as ações noturnas;
- atuar normalmente dispersos;
- só se concentrar para um golpe decisivo e de curta duração;
- inquietar permanentemente o inimigo;
- imobilizar ou retardar as colunas inimigas pela manobra ou cerco;
- dar grande importância aos golpes de mão e emboscadas;

Deve o Cmt. de uma guerrilha saber combinar essas regras visando conservar a sua iniciativa tática. Realmente a iniciativa tática é particularmente importante para o êxito das operações de guerrilhas. Mao Tsé-Tung diz que o Comandante de guerrilha deve conservar a iniciativa pela surpresa na utilização das forças. O sigilo, também, é um importante fator de surpresa.

Essa iniciativa, para ser mantida pelo Comandante de guerrilha, diante de sua inferioridade de efetivos e de material bélico, exige-lhe muita inteligência, astúcia e constante atividade. Deve saber tirar proveito de todas as fraquezas e erros do adversário. Deve ter bem presente que o seu objetivo fundamental não é conquistar o terreno nem destruir as forças físicas do inimigo, mas sim fatigá-lo e desmoralizá-lo espiritual e psicologicamente, destruindo-lhe a vontade de resistir.

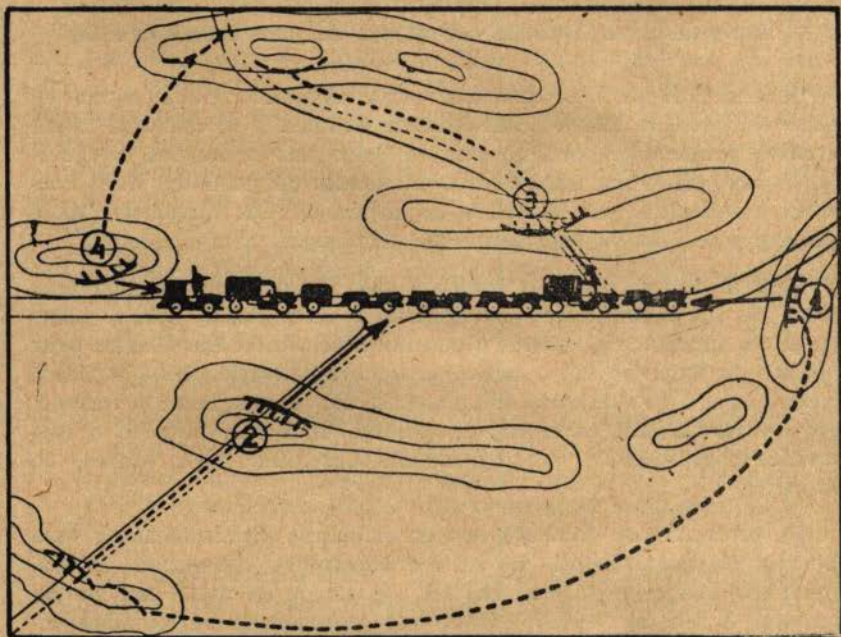
Os processos de combate dos guerrilheiros visam alcançar esse objetivo. Os guerrilheiros devem ser adestrados na técnica de dispersar-se e reagrupar-se com rapidez, de dia ou de noite, sem se desorientar e sem se perder. Devem ser superiormente treinados em processos de infiltração em qualquer terreno e sob quaisquer condições. Sua permanência na área de combate deve ser caracterizada pela constante inquietação causada ao inimigo e pela invisibilidade. É interessante se notar que os processos acima muito se aproximam dos exigidos da infantaria no combate sob condições atômicas.

A título de exemplo vamos esquematizar dois tipos de operações características da guerrilha:

- a) Imobilização de uma coluna numerosa por uma "manobra cerco". (Vide croqui n. 1).
- b) Bloqueio do acesso a uma base de operações de guerrilheiros, situada em terreno montanhoso. (Vide croqui n. 2).

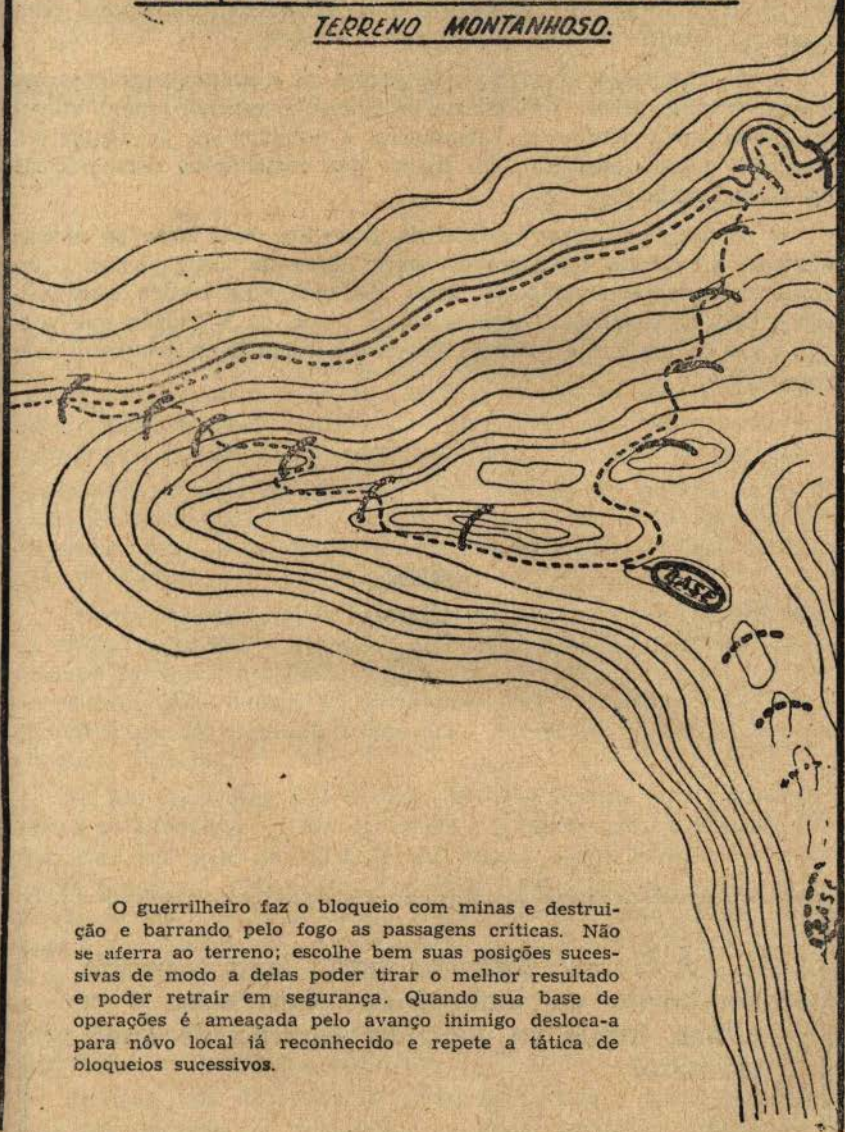
Queremos ressaltar que o período mais característico de emprêgo de uma tática típica da guerrilha é o que precede à "liberação" de grandes áreas e à instalação aí de governos revolucionários, apoiados num numeroso "exército popular". Nessa ocasião, na "zona liberada", a guerrilha passa a tender para a guerra e a sua tática também se

CROQUIS n.º 1
IMOBILIZAÇÃO DE UMA COLUNA NUMEROSA
PELA "MANOBRÁ DE CÊRÇO"



O local da manobra é escolhido a priori. Os grupos guerrilheiros (de 10 homens cada) atiram inopinadamente sobre a coluna entrando em ação sucessivamente, na ordem correspondente à sua numeração. A coluna é imobilizada pela surpresa e tem a impressão que está cercada. Cada grupo não se deixa aferrar no combate aproximado, recuando para novas posições adrede preparadas, quando pressionado. Um efetivo de 40 guerrilheiros bem adestrados e em terreno favorável é capaz de imobilizar por meio desta manobra, durante meia jornada ou mais, causando pesadas baixas, uma coluna muito mais numerosa de tropa regular que se deixe surpreender.

aproxima da tática convencional. Entretanto, mesmo quando isto acontece, seguindo a técnica da guerra revolucionária, fora da "zona liberada" continuam atuando constantemente as guerrilhas, quer instaladas em "bases de operações" incrustadas no território inimigo, quer partido da "zona liberada" em audaciosas incursões de vaivém.

Croquis nº 2BLOQUEIO DO ACESSO A UMA BASE DE
OPERAÇÕES DE GUERRILHEIROS SITUADA EM
TERRENO MONTANHOSO.

O guerrilheiro faz o bloqueio com minas e destruição e barrando pelo fogo as passagens críticas. Não se aferra ao terreno; escolhe bem suas posições sucessivas de modo a delas poder tirar o melhor resultado e poder retrair em segurança. Quando sua base de operações é ameaçada pelo avanço inimigo desloca-a para novo local já reconhecido e repete a tática de bloqueios sucessivos.

6. CONCLUSÃO

Não resta dúvida que a Guerra Revolucionária é a grande realidade do mundo contemporâneo enquanto a Guerra Atômica ou Nuclear continua a ser uma interrogação.

A perspectiva do futuro obriga a nós, militares profissionais, filhos de um dos países mais extensos e potencialmente mais ricos do globo, a estarmos psicológica e tècnicamente preparados para atuar no quadro de uma guerra revolucionária.

A mais perigosa arma lançada contra os exércitos regulares, na guerra revolucionária, é a guerrilha. Sòmente sabendo como atuam os guerrilheiros estaremos capacitados a combatê-los, se algum dia isto vier a ser necessário, em defesa das instituições democráticas do povo brasileiro.

O conhecimento aprofundado da guerrilha deve levar os nossos quadros ao estudo intensivo de uma tática de antiguerrilha e ao conseqüente adestramento da trcpa nas operações contra êsse insidioso tipo de combate. Dessa tática, a tropa da FAIBRÁS que passou cêrca de um ano e meio na República Dominicana, trouxe grande experiência.



A Guerra Revolucionária leva o perigo comunista ao umbral de cada casa e a última frente se situa no espírito de cada cidadão!